

Máscaras de sanidade e os reflexos do eu grandioso: relações entre o falso *self* e o narcisismo patológico¹

Masks of sanity and reflections of the grandiose self: relations between the false self and pathological narcissism

Gabriel Garcia Sabbag*
Bartholomeu de Aguiar Vieira**

Resumo

O vigente trabalho teve por objetivo investigar os desdobramentos patológicos do narcisismo, tendo como referência os estudos de Otto Kernberg, bem como relacionar tal distúrbio com a organização do falso *Self*, elaborada por Winnicott. Para ilustrar as relações apontadas, foi feita uma análise do filme “*Psicopata americano*” (2000) e um estudo do personagem Patrick Bateman, levando em conta as influências culturais dos comportamentos narcísicos patológicos. Concluiu-se que a estrutura do falso *Self* vigora dentro da etiologia do narcisismo patológico, vetorizando a particularidade subjetiva sobre a aquisição de uma externalidade condicionante que oculta a capacidade criativa e espontânea a partir de ideais de grandeza e fantasias onipotentes.

Palavras-chave: Narcisismo patológico. Falso *Self*. Influências culturais. Criatividade. Fantasias onipotentes. Ideais de grandeza.

Abstract

The aim of this study was to investigate the pathological consequences of narcissism, with reference to the studies of Otto Kernberg, and to relate this disorder to the organization of the false Self, as elaborated by Winnicott. To illustrate these relationships, an analysis was made of the movie picture “American Psycho” (2000) and a study of the character Patrick Bateman, taking into account the cultural influences of pathological narcissistic behavior. It was concluded that the structure of the false Self prevails within the etiology of pathological narcissism, vectoring subjective particularity

1. O artigo é derivado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

* Psicólogo graduado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, SP, Brasil. gabriel_sabbag99@yahoo.com

** Psicólogo, psicanalista. Mestre e doutorando pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Especialista em psicoterapia psicodinâmica dos transtornos de personalidade pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Fellowship de pesquisa em psicanálise contemporânea (IPA). São Paulo, SP, Brasil. bartholomeu.vieira@alumni.usp.br

over the acquisition of a conditioning externality that hides creative and spontaneous capacity, based on ideals of grandeur and omnipotent fantasies.

Keywords: *Pathological narcissism. False Self. Cultural influences. Creativity. Omnipotent fantasies. Ideals of grandeur.*

1. Introdução

O conceito do narcisismo, na Psicanálise, possui um caráter multidimensional, uma vez que compreende as diversas problemáticas identitárias, perpassando pela constituição do Eu e da relação do advento da alteridade, no sentido do quanto o sujeito dedica ou abdica de um investimento libidinal em si e da relação dessa necessidade com a dependência de outro. Para aprofundar as investigações psicanalíticas a respeito do conceito, é necessário compreender sua origem a partir do mito da Metamorfose, de Ovídio.

O mito em questão trata de dois personagens condenados por entidades superiores. A ninfa Eco perde a capacidade de falar em nome próprio, e Narciso, a de se reconhecer – sendo assim, ele busca ser visto e admirado pelos outros. Certa vez, entretanto, para se privar do excesso de olhares, ele se refugia no bosque. Eco encontra Narciso, se apaixona e, ao tentar se unir a ele e tocá-lo, recebe como resposta: “Não me toques, prefiro morrer a ser tocado por ti”. Após a humilhação, Eco desaparece e definha. Narciso, por sua vez, ao seguir seu caminho, se aproxima de um rio e se encanta por sua própria imagem refletida, sem se dar conta de que a imagem é a sua e de que foi tomada por outro. Assim, ao tentar tocá-la (símbolo de união), a imagem desaparece, da mesma maneira que Narciso fez com Eco. O “belo indiferente” (assim denominado), por sua busca inalcançável, fez com que ele também definhasse, tornando-se uma flor encontrada na beira dos rios.

René Roussillon (2023) parte do mito para postular a concepção do narcisismo como uma problemática da demarcação entre o Eu e o Outro, responsável por um drama do encontro e do toque, perpassando pela necessária busca pelo “belo indiferente”. Esse objeto inalcançável é a parte que colamos de nós mesmos no outro e pela qual ansiamos na busca do idealizado. Segundo o autor, o cerne do mito de Ovídio não trata da paixão de Narciso por sua imagem, mas da incapacidade de lidar com o ambiente ao redor a partir do fracasso em reconhecer seu próprio reflexo, garantindo a impossibilidade de viver e o definhamento.

Com base nessas questões identitárias e nas buscas idealizantes, o psicanalista austríaco Otto Kernberg (1995) postula a problemática narcísica como um transtorno no campo dos vínculos objetivos, relacionados com as inter-relações entre a estrutura do *Self* e do objeto e suas imagens internalizadas. O narcisismo normal, então, é definido como um investimento libidinal do *Self*, que possibilita sua integridade, sendo regulado pela autoestima em detrimento das vicissitudes intrapsíquicas relacionadas à libido e à agressão. Sendo as-

sim, um desenvolvimento narcísico saudável é acompanhado pelo investimento nos objetos externos e em suas representações internas, relacionadas com o sentimento de empatia.

Já o narcisismo patológico é definido como um investimento libidinal em uma estrutura patológica denominada *Self* grandioso, idealizado, que afeta as representações objetais internas. Tal estrutura é evidenciada nas relações transferenciais, marcada por sentimentos de grandiosidade, exibicionismo e superioridade. Além disso, indivíduos com determinado transtorno apresentam, em suas relações interpessoais, inveja excessiva e sentimentos superficiais em relação ao outro, velando um interior vazio (KERNBERG, 1995).

O fator etiológico central da perspectiva narcísica de Kernberg relaciona-se com uma agressividade precoce não integrada que promove a divisão e a projeção de aspectos desvalorizados do *Self* e das representações objetais. Tais mecanismos ocorrem como reação defensiva frente à frieza, à indiferença e até à agressão das figuras de cuidado. Como consequência, indivíduos desenvolvem *Self* grandioso patológico e um superego agressivo, que resultam em patologias relacionadas ao amor próprio e objetal (CAMPBELL; MILLER, 2011).

A estrutura do *Self* e a importância do ambiente para o desenvolvimento do indivíduo também foram objetos de estudo de Winnicott, que baseou-se na metapsicologia freudiana para postular a existência de tal estrutura, que corresponde à experiência da unidade empírica do indivíduo a partir de sua relação com o mundo. Sendo assim, essa estrutura depende do ambiente para que os processos egoicos consigam agrupar o conjunto de experiências do sujeito em uma unidade individual, que tende a integrar-se. A partir dessa integração, o sujeito passa a se relacionar com os objetos externos e constituir seu *Self* (seu senso de si mesmo), integrando o ambiente externo subjetivamente como uma resposta para a diferenciação do Eu com o mundo (FULGENCIO, 2014).

Em *O ambiente e os processos de maturação* (1983), Winnicott postula a existência de uma estrutura defensiva que surge em função de proteger e ocultar o *Self*, sendo tal estrutura uma resposta à falha materna em possibilitar o sentimento de singularidade do bebê. Sendo assim, a mãe o submete aos seus próprios gestos, pela incapacidade de compreendê-lo. Dessa forma, ela prejudica o bebê em sua capacidade simbólica e sua experiência de onipotência. Uma vez que tal capacidade é prejudicada, o sujeito desenvolve essa estrutura como defesa, para lidar com as exigências do ambiente e sobreviver, mesmo que falsamente, tendo sua existência avaliada por parâmetros externos.

Apesar de o estudo do narcisismo não ter sido o anseio primordial nas obras de Winnicott, evidencia-se uma breve relação entre a estrutura do falso

Self e o narcisismo a partir do artigo sobre avanços das técnicas psicanalíticas e suas contribuições para pacientes com distúrbios de caráter (WINNICOTT, 1959), apontando para um novo olhar ao narcisismo, tendo em vista novos desenvolvimentos clínicos. Sendo assim, verifica-se uma ilusão causada pelos pacientes com patologias narcísicas, uma vez que o indivíduo real estaria oculto em uma estrutura protetora. Tal estrutura protegeria o *Self* verdadeiro do contato com a realidade externa e poderia carregar sucesso social fictício, ve-lando sentimentos de irrealidade e futilidade (WINNICOTT, 1979/1983).

A partir do que foi apontado, esta pesquisa buscou aproximar o conceito winnicottiano do falso *Self* com o narcisismo patológico, de Otto Kernberg, e apontar as influências ambientais e culturais contribuintes para a formação dessa condição patológica. Para a realização de tais objetivos, foi feita uma análise do filme “*Psicopata americano*” (2000), tendo como referência o perso-nagem Patrick Bateman, valendo-se do método desenvolvido por Carvalho, Dantas e Rusche (2017) e da divisão em episódios²², esquematizados em um gráfico que contém quatro elementos: 1. Aspectos formais (tipos de plano, ilu-minação, montagem etc.); 2. Interpretação desses aspectos; 3. Relação com os outros episódios; e 4. Observações que se fizerem necessárias. O filme foi considerado uma forma de manifestação ficcional que insere o espectador na con-dição cotidiana dos personagens e em seu estado de alma. Sendo assim, ao garantir o adentramento no universo psíquico dos personagens, torna-se pos-sível inseri-los em uma categorização dentro de uma estrutura psíquica, a par-tir da consideração de seu contexto histórico.

2. O conceito de *Self* em Kernberg e as problemáticas narcísicas

De acordo com Kernberg (1984), o *Self* corresponde a uma estrutura intrapsí- quica originada do ego e que opera como a sede da consciência subjetiva e particular do sujeito, possibilitando o agrupamento de *Self*-representações e as conexões íntimas com as representações do objeto. Sendo assim, o *Self* opera como uma entidade psicossocial, comportamental e interacional que compreende e garante, ao sujeito, a experiência de si mesmo e das relações objetais,

2. Interações específicas entre eventos e personagens capturados nas imagens, as quais foram tidas como parcialmente encerradas quando uma dada ação, evento ou verbalização, por meio de recursos da linguagem cinematográfica, se mostrava descontínua, embora pudesse ter uma relação ininterrupta ou mediada por imagens subseqüentes e/ou anteriores.

a partir da integração de imagens “boas” e “más” (PELISSON, 2021). É por meio dessa estrutura e de sua capacidade afeto-cognitiva que o sujeito percebe a si mesmo nas interações com os objetos reais e nas representações objetais internas. São essas representações objetais que incorporam os objetos primitivos “bons” e “maus” e se relacionam com suas autoimagens. Sendo assim, essa estrutura é o que garante a contradição entre as possibilidades reais e idealizantes, relacionadas com a imagem de si (*Self* real e ideal) e dos objetos (objetos reais e ideais), espelhados no mundo interno.

O estado integrado e saudável do *Self* é resultado da agregação das representações das suas imagens contraditórias a partir de um diálogo entre as instâncias reais e ideais de si mesmo e dos objetos, relacionadas também a um equilíbrio entre as exigências do superego (instância de origem edípica relacionada com a internalização dos objetos primitivos, que possibilitam as identificações e interdições, servindo como um agente de consciência moral e criando padrões comportamentais, opondo-se às funções do ego e do Id) e do Ideal de ego (estrutura derivada das introjeções no superego, relacionadas com a integração das imagens do objeto ideal e do *Self* ideal na primeira infância, que garantem ao sujeito a internalização das expectativas inferidas pelos objetos externos, atuando naquilo que esperam que ele seja) (PELISSON, 2022).

Tendo em vista o narcisismo como um investimento libidinal no *Self* (KERNBERG, 1995), o narcisismo normal se funda quando essa estrutura é capaz de incorporar as diversas partes contraditórias entre as representações do *Self* e dos objetos frente às suas idealizações, estabelecendo um conflito saudável entre as exigências morais formadas por projeções e introjeções (superego e ideal de ego), sem que ocorra um desmantelamento da estrutura do *Self*, garantindo, ao sujeito, um regulamento de autoestima, relacionado ao sentimento de empatia. Ou seja, o narcisismo normal garante, aos sujeitos, um investimento libidinal do *Self* que permite um “diálogo” saudável no mundo interno dos sujeitos e que, apesar das contradições idealizantes, desenvolve capacidades de reparação e empatia. Assim, esse investimento ganha a possibilidade de se direcionar aos objetos, que retornam ao sujeito, garantindo que esse mundo interno ganhe vida com figuras reparativas.

Em *Borderline conditions and pathological narcissism*, Kernberg (1995) apresenta as condições narcísicas patológicas como resultado do amálgama entre as estruturas do *Self* ideal, *Self* real e objeto ideal. Essa união resulta no desenvolvimento do *Self* grandioso patológico, estrutura que surge em função de defesa contra uma realidade intolerável, permitindo que o sujeito recrie a

realidade internamente a partir da recusa do objeto externo, garantindo que ele próprio se torne a fonte de suas idealizações (seu próprio objeto idealizado). A origem da estrutura do *Self* grandioso patológico relaciona-se com a clivagem parental, a partir de uma integração contrastante entre superestimulação dos pais e abuso e negligência. O primeiro relaciona-se com a projeção das tendências narcísicas aos filhos, a partir da consideração dos mesmos como extensões de si. Essa supervalorização é problemática, pois ocorre sob consideração dos sujeitos, tendo em vista a capacidade do filho de preencher as projeções dos pais, tendo seu senso de amor relacionado às condições de admiração e grandiosidade, como uma recompensa por expressar aquilo que os pais esperam que ele seja. Sendo assim, as possibilidades idealizantes se evidenciam frente às condições reais do indivíduo, que é deixado de lado ante as projeções impostas pelos pais, que induzem o sujeito a ser amado por aquilo que esperam que ele se torne, desconsiderando sua singularidade (KERNBERG, 2017).

Já o segundo relaciona-se com a agressividade encoberta e intensa, inferida junto à insensibilidade e indiferença, sendo uma condição concomitante com a superestimulação dos pais. Dessa forma, a condição de ser reconhecido e suprido narcisicamente é inferida à necessidade de admiração e exibição, tendo em vista o fortalecimento de suas condições idealizantes, que bastam, por si mesmas, em satisfazer seus desejos de admiração. O contraste entre a superestimulação e a indiferença resulta em desconfiança e ressentimento e induz ao ocultamento de seu *Self* real, em contraste com as necessidades idealizantes. Sendo assim, Kernberg (1995) postula que:

Já não é necessário que tema ser recusado por estar na altura do ideal de si mesmo, que, por si só, me permite ser amado pela pessoa ideal que imagino que me amaria. Essa pessoa ideal, minha imagem dessa pessoa ideal e minha própria pessoa real somos uma, e melhor que a pessoa ideal que eu desejava que me amasse: dela eu já não necessito (KERNBERG, 1995, p. 208, tradução nossa).

Como se observa do trecho acima, o mundo interno criado a partir da evitação de realidades contraditórias resulta em um comportamento desdenhoso em relação aos objetos externos, que são desvalorizados junto com suas imagens objetais internalizadas. Essa desvalorização ocorre quando esses objetos não são capazes de engrandecer os sujeitos e suprir suas idealizações que refletem seu senso de grandiosidade. Sendo assim, é como se

“espremessem um limão e depois jogassem todo o resto fora” (KERNBERG, 1970, p. 57). O mundo interno desses pacientes é repleto de realizações de si e suas marionetes, uma vez que as imagens reais se condensam com as imagens e objetos ideais, opondo-se aos objetos reais, que são internalizados apenas como sombras, mantidos “vivos” como plateia, que aplaude e assiste ao *Self* grandioso.

O medo de ser recusado é consequência da rejeição da dependência do outro, uma vez que, a partir da clivagem parental, depender significa se expor aos perigos de ser explorado e frustrado. Sendo assim, os sujeitos adquirem uma tendência a agir de tal maneira que poderiam despertar inveja e admiração nos outros, como uma espécie de refúgio contra o ambiente familiar e as vivências contraditórias de ser amado, além de usarem os objetos externos para depositarem projeções dos aspectos desvalorizados do *Self*.

Como resultado das condições narcísicas patológicas, o sujeito pode desenvolver-se em uma estrutura de personalidade narcísica, apresentando comportamentos disfuncionais, tendo em vista, primordialmente, o desequilíbrio da autopercepção e as perturbações nos vínculos objetivos, desenvolvendo comportamentos manipulativos e sem culpa, a partir de uma máscara de encanto e simpatia. Essa fachada de normalidade carrega traços paranoides relacionados com as constantes suspeitas e desconfianças em relação aos outros, que os induzem a desenvolverem uma incapacidade de internalizar os objetos externos em seu universo particular. Sendo assim, são empobrecidos e incapazes de experimentar sentimentos verdadeiros de tristeza e depressão, uma vez que não existem objetos reparadores em seu mundo interno, essenciais para os processos de luto e para a criação de um mundo interno saudável.

A evidência de que há falta de integração do *Self* e uma sensação de vazio pode ser vista nos estados dissociados, os quais são caracterizados por uma constante sensação de irrealidade e estranhamento. Esses estados resultam na dificuldade de se reconhecer e de integrar experiências afetivas do campo interpessoal, impedindo a incorporação de vivências subjetivas na relação entre a integração do *Self* e as representações objetivos. Dessa forma, a percepção dos outros é dada como caricaturas superficiais cindidas, sendo “totalmente boas” ou “totalmente más” e resultando na carência de empatia, não existindo a realização de uma apreciação profunda do outro, sendo sua conduta mediada por percepções imediatas (PELISSON; CAROPRESO, 2022).

3. O conceito de *Self* em Winnicott e o desenvolvimento emocional primitivo

Para realizar uma investigação sobre o *Self* em Winnicott, é necessário, antes, apontar a formação do ego e suas consequências no desenvolvimento da experiência do bebê, tendo em vista a tendência ao amadurecimento. Em *A integração do ego no desenvolvimento da criança* (1962), Winnicott define o ego como parte da personalidade que tende a integrar-se em uma unidade, dada por condições ambientais favoráveis. Justifica-se o estudo do ego pelo entendimento da impossibilidade de organizar os acontecimentos instintivos em um estado anencefálico, pois, sem o aparelho eletrônico, não há vivência, e, sem vivência, não há ego. Sendo assim, o autor rompe com o ideário freudiano de que o ego seria uma derivação do Id, modificada sob influência da realidade externa e postulando que não há Id antes do ego.

O ego, então, é uma estrutura fragmentada que surge concomitantemente com o início da existência do bebê e depende da capacidade da mãe de satisfazer suas necessidades no estado de dependência absoluta. Sendo ela suficientemente boa, a saída da dependência absoluta rumo à independência e ao encontro com o objeto passa pela breve experiência de onipotência. Por meio dessa experiência, o bebê experimenta o princípio da realidade, porém em pequenas doses, nunca de uma só vez, não sendo possível descrever o bebê como uma entidade separada da mãe.

Falhas maternas nessas etapas promovem distorções na organização do ego, constituindo bases para o desenvolvimento de características esquizoides. Além disso, podem resultar em uma organização diferenciada do *Self* (nesse período, o *Self* é dado como o núcleo da personalidade) que cuida de si e promove um aspecto de falsa personalidade, no sentido de não ser derivada do próprio sujeito, mas da relação de acoplamento com a mãe. Tem-se, nesse período, a ideia incipiente da existência avaliada por parâmetros externos, pela organização de uma estrutura que protege e esconde o ego. Sendo assim, para que haja um saudável desenvolvimento do ego, é necessário que ocorram algumas etapas naturais nas relações primitivas no processo de dependência absoluta, a partir do incipiente contato com a realidade. Essas etapas, definidas por Winnicott como tendências, foram apontadas pela psicanalista Elsa Oliveira Dias em seu livro *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott* (2017).

Nessas etapas, é necessário que a mãe proporcione ao bebê a integração (processo responsável por assegurar o senso de existência física no espaço e no tempo e sustentá-lo para que ocorra uma proteção ao ego para o estabeleci-

mento de um *Self* unitário, tendo em vista a demarcação de um local acumulativo de experiências e a possibilidade de relacioná-las com o mundo externo). Além da integração, é necessário que ocorra a personalização (relacionada ao manuseio físico, que permite que o bebê estabeleça uma coesão psicossomática, tendo em vista a demarcação do “dentro” e “fora” através da pele), e, por fim, tem-se a importância do estabelecimento das relações objetivas, sendo a mãe fundamental em viabilizar a ilusão da experiência de onipotência e a possibilidade de fantasiar a realidade concebida, permitindo que o bebê crie aquilo que encontra, a partir das amostras da realidade externa, tendo em vista o uso dos objetos (DIAS, 2017).

Essa etapa demarca uma importante conquista para o bebê, a diferenciação entre a realidade subjetivamente percebida e a objetivamente concebida, já que essa diferenciação e o efetivo contato com a realidade externa ocorrem a partir do uso do objeto e da posterior capacidade de destruí-lo. É a partir dessa destruição que o mundo objetivo é criado, unindo aspectos da realidade externa com a experiência de *Self* (si mesmo). A destruição, então, possibilita a expulsão do caráter subjetivo do objeto para fora da experiência de onipotência, permitindo que o bebê comece a viver em um mundo que não é uma simples projeção sua, recriando a realidade a partir da fantasia. Sendo assim, o objeto deixa de ser um fenômeno subjetivo e passa a ser objetivamente percebido, e a entrada na realidade compartilhada é conferida com a possibilidade de ambivalência, advinda da distinção entre o que é o si mesmo e o que não é, tida a partir de sua relação com o objeto.

Em *Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica*, Winnicott (1959-1964) aponta para um novo olhar à técnica psicanalítica, observando a importância nas etapas primitivas e as relações entre o apoio egoico da mãe para a constituição do sujeito no período do estado de fusão e de dependência absoluta. É por meio da valorização dessas etapas que ocorre uma preocupação do ambiente absorvido e internalizado pelo indivíduo.

A partir desses desenvolvimentos, ocorre uma mudança na observação do fenômeno do narcisismo nas condições clínicas, uma vez que esse ambiente internalizado poderia promover modificações e ocultar o sujeito real a partir de uma ilusão que mascararia seu senso de si mesmo (*Self*). No mesmo artigo, Winnicott apoia-se na consideração da classificação psiquiátrica clássica para elucidar a importância de novas contribuições e apresenta a ideia de um *Self* verdadeiro e um falso, sendo o segundo construído com base na submissão e possuindo uma função defensiva contra a realidade externa e relacionando-se com a atitude e o sucesso social. Além disso, quando o falso *Self* é tomado

como real, cresce a organização de sentimentos de futilidade e desespero, além da possibilidade de dissociação entre o psíquico e o somático. O ambiente, então, em condições favoráveis para a experiência de continuidade, permite que o sujeito experimente a vida apropriada à sua idade emocional e sinta-se real a partir de seu amadurecimento e da integração do *Self*.

Em *Distorções do ego em termos de verdadeiro e falso self* (1960), Winnicott aprimora os desenvolvimentos e preocupações apontadas no que concerne à ideia de um verdadeiro e um falso *Self*, além de apontar a influência do ego nesse processo. A estrutura, então, deriva de concepções filosóficas existenciais e relaciona-se com a divisão freudiana do ego, sendo uma parte controlada pelos instintos e, outra, direcionada ao mundo exterior. Essa estrutura, então, tem raízes defensivas em função de proteger o *Self* verdadeiro em contato com a realidade e possui desdobramentos que variam entre a capacidade protetiva saudável e patológica, sendo construído com base em identificações e atuantes na organização integral da atitude social. Em situações extremas, o falso *Self* se instala como real, e o verdadeiro é ocultado.

A etiologia do falso *Self* advém da primeira relação objetal, no momento em que o ego não está integrado, e o bebê está em condições de dependência absoluta, rumo à relativa, na relação com a mãe. Se ela for suficientemente boa, atende os gestos espontâneos do bebê e permite que ele comece a acreditar na realidade externa, não conflitando com sua experiência de onipotência. A espontaneidade e a capacidade de desfrutar da ilusão da criação onipotente, através da imaginação, possibilita a formação simbólica, relacionada com catexia direcionada ao objeto externo e à capacidade de representá-lo psicologicamente.

Provisões de um ambiente não suficientemente bom, dada a incapacidade da mãe de adaptar-se aos impulsos espontâneos do bebê, prejudicam sua capacidade de elaboração simbólica, interferindo negativamente também na catexia com o objeto. Sendo assim, o bebê é seduzido à submissão, e a estrutura do falso *Self* é construída com base em identificações, deturpando o senso de existência particular do sujeito em prol de uma existência inferida por parâmetros externos. O falso *Self*, então, surge no que seria o *Self* verdadeiro, relacionado com um potencial herdado que associa-se a gestos de espontaneidade e o sentimento de individualidade, sendo que “Somente o *self* verdadeiro pode ser criativo e sentir-se real” (WINNICOTT, 1979/1983, p. 135). Enquanto o *Self* verdadeiro é sentido como legítimo, o falso resulta em sensações relacionadas a futilidade e irrealidade.

A capacidade do desenvolvimento simbólico e a interação dos objetos com o *Self*, então, dependem da capacidade ambiental de prover expressão aos

gestos do indivíduo, validando sua onipotência, garantindo que ele desenvolva uma crença na realidade externa, visando que sua espontaneidade se confirme com os acontecimentos do mundo, uma vez que ele desfruta da ilusão criada e dos controles onipotentes a partir de um mundo que se comporta “magicamente” por meio da imaginação e da brincadeira, tendo em vista que ele conhece aquilo que cria. A ilusão de onipotência em criar aquilo de que necessita relaciona-se com a criatividade originária, tendo em vista uma provisão ambiental suficientemente boa que dê a possibilidade de expressão de seu potencial criativo e espontâneo, garantindo a possibilidade de transitar pelos vários sentidos da realidade sem perder o contato com seu mundo pessoal imaginativo, estabelecendo uma relação viva entre a realidade exterior e a interior por meio de um contato com uma realidade compartilhada por todos.

O *Self* verdadeiro, então, vincula-se com a formulação inicial de uma organização mental, garantida pela experiência do viver sensorio-motor e vinculada à criatividade originária, considerando a capacidade de representar os objetos externos psicicamente a partir dos símbolos. A ilusão de criar o mundo e ter aquilo que se evoca possibilita que o bebê constitua uma fonte para seu narcisismo e irrupções nessa etapa, induzindo-o a uma clivagem narcísica, uma vez que a perda da criatividade e a impossibilidade de fantasiar a realidade externa permitem um ocultamento do verdadeiro *Self*. Assim, tem-se o ambiente propício para que o falso *Self* se constitua, induzindo a uma introversão do sujeito real através do ocultamento de sua capacidade criativa, relacionada ao si mesmo verdadeiro (LEJARRAGA, 2007).

À medida que o bebê amadurece, a ideia de que o falso *Self* oculta o verdadeiro pode ser substituída pela ideia de que ele oculta a realidade interna do bebê, uma vez que a união do psíquico com o somático através da pele garante o contato do interior com o exterior, considerando o gradual afastamento dos cuidados maternos, tendo em vista a passagem da dependência absoluta para a relativa. A reação de estímulos externos relaciona-se com a capacidade de captá-los na experiência psíquica a partir do entendimento desses estímulos como projeções, mesmo que parcialmente, uma vez que ele ainda mantém o sentimento de onipotência.

Safra (2009) aponta que o potencial herdado vinculado com a concepção do *Self* verdadeiro é experienciado como uma continuidade de ser, ao passo que o sujeito desenvolve sua particularidade de existência por meio da experiência psíquica e do desenvolvimento de uma realidade interna. Dessa forma, o recolhimento dos fatores externos e a concepção dos mesmos subjetivamente garantem, ao sujeito, a possibilidade de conhecer o mundo a partir da cria-

ção interna, garantindo uma experiência integrada entre o que é objetivamente concebido e o subjetivamente percebido (GALVÁN, 2009).

As distorções do *Self* e a experiência psíquica estão relacionadas à capacidade do ego de se adaptar ao ambiente. Essa adaptação é crucial para a formação da representação do ambiente na experiência psíquica singular de cada pessoa, o que influencia as adaptações sociais e os comportamentos do indivíduo diante dos outros. Um desenvolvimento saudável ocorre quando há uma provisão ambiental suficientemente boa, que permite ao indivíduo mediar entre o sonho e a realidade por meio de símbolos. Essa mediação garante ao sujeito a capacidade de explorar sua tendência inata e se constituir como um ser subjetivo e único (WINNICOTT, 1960).

4. Análise do filme

O personagem principal, Patrick Bateman, é capturado em sua rotina matinal, na sua residência, enquanto observa sua imagem refletida em um quadro da obra de Victor Hugo, “*Os miseráveis*”. Ele inicia sua apresentação a partir da narração do próprio protagonista, que acompanha o personagem. O sujeito afirma que gosta de se cuidar, comenta sobre sua dieta balanceada e a rigorosa rotina de exercícios. Ele também diz que, se seu rosto estiver inchado, coloca uma máscara de gelo enquanto faz abdominais. Após praticar seus exercícios, retira sua máscara e usa uma loção de limpeza profunda, além de “um gel de limpeza à base de água”, “um esfoliante de mel e amêndoas” e, no rosto, “um gel esfoliante”. Após o banho, aplica uma máscara mentolada com ervas e a deixa em seu rosto por 10 minutos, enquanto prepara o resto de sua rotina. Ele também usa uma loção pós-barba com pouco ou nenhum álcool, pois “o álcool resseca o rosto e o faz parecer mais velho”, depois passa hidratante e um creme antirugas para os olhos, seguido por uma loção protetora final (4’40” - 6’39”).

Por fim, após terminar seus cuidados, enquanto se olha fixamente no espelho e retira lentamente sua máscara mentolada com ervas e os outros produtos, afirma: “Há uma ideia de Patrick Bateman, algum tipo de abstração, mas não há um verdadeiro eu, somente uma entidade, algo ilusório. E, apesar de eu conseguir esconder o meu olhar frio, e você poder apertar minha mão e sentir minha carne contra a sua, e talvez até possa achar que nossos estilos de vida são similares, eu simplesmente não existo” (6’40” - 7’08”).

Em *A cultura do narcisismo: a vida americana em uma era de expectativas decrescentes*, o sociólogo Christopher Lasch (2023) aponta para uma revolução

cultural em que o individualismo competitivo transformou a vida social em uma guerra de todos contra todos, tendo em vista a busca da felicidade, que choca-se com um beco sem saída derivado de preocupações narcísicas com o *Self*. Dessa forma, ocorre um movimento de consciência e de invasão social do *Self*, tendo em vista o declínio do sentimento de grupo e comunhão, a partir da decadência da sensação de pertencimento a um tempo histórico, resultante de uma descontinuidade com o passado e uma desesperança para com o futuro. Ocorre, então, um refúgio em preocupações pessoais, sendo o “viver para si” a paixão predominante.

É a partir dessa paixão predominante e da jornada para dentro de si que se revela, no sujeito, nada além de um mundo vazio, tendo em vista a ilusão de que ele é dotado de ideais de grandeza, vigorando a necessidade de sustentar sua identidade a partir da parte de si que é exposta ao mundo, consequenciando na inautenticidade interna, uma vez que, por dentro, “não há ninguém ali” (LASCH, 2023, p. 82). A relação entre o dentro e o fora é fruto também de uma desvalorização do âmbito pessoal, considerando a primazia da vida privada sobre a pública, apontada por Richard Sennett (2014), onde a segunda passou a ser vista como um espelho do Eu, desmoronando os limites entre o *Self* e o mundo. Esse desmoronamento afeta os vínculos interpessoais, uma vez que as relações públicas são transformadas em formas de autorrevelação, consequenciando ligações emocionais impermanentes.

As mudanças culturais apontadas por Lasch tornam-se evidentes na cena descrita, na medida em que o sujeito exibe suas preocupações excessivas com o si mesmo, nos cuidados com a pele, no uso dos diversos cremes, nos exercícios físicos e nas vestimentas caras. O individualismo competitivo em que o personagem está inserido, sendo o vice-presidente de uma empresa de investimentos em Wall Street, garante a necessidade de sustentar-se em ideais de grandeza aparente que se sobressaem sobre o sujeito real. É a partir desse ideal de grandeza e do refúgio em inquietações pessoais que ocorre o mecanismo da clivagem, tendo em vista a necessidade de se expor ao mundo escondendo o *Self* real através do desenvolvimento de condições narcísicas que sustentam a ultrapassagem dos limites reais do indivíduo, a partir da estrutura do *Self* grandioso patológico, desenvolvido por Kernberg, conforme visto no tópico 2.

É por meio do desenvolvimento do *Self* grandioso patológico que ocorre uma falta de integração entre suas condições reais e ideais, sendo a primeira dominada pela segunda, a partir de uma relação parasitária entre os si mesmos, resultando em uma sensação de irrealidade e vazio. Sendo assim, a incapacidade de se reconhecer e incorporar as vivências subjetivas garante a criação

de uma abstração, uma entidade, algo ilusório, mas não um sujeito real, pois esse apenas não existe. A percepção tátil pode até ocorrer a partir do contato com a pele, porém a sensação de presença, não.

A primazia da estrutura do patológico *Self* grandioso permite a incapacidade de incorporar vivências subjetivas, tendo em vista a recusa do objeto externo e a dominação das instâncias ideais internas sobre o *Self* e os objetos, não existindo uma troca integrativa entre essas instâncias e resultando na incapacidade de estabelecerem uma profundidade relacional. Além disso, os aspectos desvalorizados do *Self* e das representações objetais são usados para projeções agressivas nos objetos externos, tendo em vista a desconfiança persecutória à qual os sujeitos estão submetidos. O mundo social, então, torna-se o local que dá a oportunidade de obter a confirmação de suas fantasias grandiosas e da necessidade de ser admirado, assegurando o combustível para seu *Self* grandioso. Nas palavras de Kernberg (1995):

Nas personalidades narcisistas, onde as relações normais entre um *self* integrado e os objetos internos integrados são substituídas pelo *self* grandioso patológico e a deterioração dos objetos internos, a experiência do vazio é intensa e quase constante. Nesses casos, o vazio, a inquietação e o tédio constituem uma constelação do que pode ser considerada uma linha de base da experiência narcísica patológica. O vazio, em suma, representa um estado afetivo complexo, que reflete a ruptura da polaridade normal do *self* e dos objetos (unidades básicas de todas as relações objetais internalizadas). O vazio fica no meio do caminho entre o desejo, a tristeza e a solidão que representam a esperança do restabelecimento de relações objetais significativas, por um lado, e a fusão psicótica regressiva de “imagens totalmente boas” do *self* e dos objetos (quando a perda do bom relacionamento com o objeto não pode ser tolerada), por outro (KERNBERG, 1995, p. 220, tradução nossa).

Posteriormente, Bateman e sua “suposta noiva” se dirigem a uma festa. Ao chegarem ao local, ele afirma que estava prestes a chorar, já que sabia que não conseguiriam uma mesa decente, porém conseguem, e ele se alivia. O personagem principal tenta observar seu reflexo no cardápio, sem sucesso, pois era uma placa de metal não refletiva. Durante o encontro, uma das participantes da roda faz um comentário sobre o restaurante que frequentam estar se tornando muito comercial, afirmando que isso os afeta. Outro sujeito diz que isso não importa, referindo-se aos massacres no Sri Lanka, atribuindo um grau de importância aos eventos “que os afetam”. Bateman entra na conversa e diz que

há problemas muito mais importantes do que os Sri Lanka, afirmando que precisam acabar de uma vez por todas com o *Apartheid*, reduzir a corrida nuclear, acabar com o terrorismo e com a fome mundial. Além disso, diz que precisam providenciar comida e abrigo para os sem-teto, combater a discriminação racial e apoiar os direitos humanos, promovendo igualdade de direitos para as mulheres, além de incentivar a volta dos valores morais tradicionais e, por fim, incentivar a conscientização social e menos materialismo entre os jovens. A fala do personagem é dada de maneira caricatural, e não espontânea, quase como uma automatização de discurso, evidenciando uma fachada empática (10'12" - 12'09).

A consequência de uma troca não integrativa entre o si mesmo e os objetos nas suas relações com o mundo, tendo em vista as determinações idealizantes criadas pelas noções de grandiosidade e a clivagem entre as condições reais e ideais do *Self*, impõe, a essa estrutura, uma necessidade performática, garantindo comportamentos inautênticos e inespontâneos do ser. Essa necessidade performática de ser impõe-se de forma exterior ao sujeito, relacionando-se com a dinâmica do falso *Self*, vista no tópico 3. A noção de sujeito é cristalizada em uma ideia, valendo-se de uma burocratização do espírito³ que garante o ocultamento do indivíduo real através da construção de máscaras usadas para representar seus papéis, com o intuito de nutrir a parte de si que é exposta ao mundo, buscando o sucesso social e omitindo o verdadeiro *Self*. Esse ocultamento do indivíduo real em prol de uma ideia induz ao declínio da crença em uma realidade externa, que assume uma aparência de ilusão, além da supervalorização das caracterizações dos papéis, tendo em vista a possibilidade de expressá-lo a partir do externo, que passa a exprimir o mundo interior, resultando em uma autoconsciência que debocha das tentativas de desfrute da espontaneidade.

Posteriormente, Bateman se reúne com seus companheiros de trabalho enquanto conversam. Eles são interrompidos por Paul Allen, que confunde Bateman com outro trabalhador do local, chamado Marcus. Bateman não desconversa e segue, como se fosse o outro sujeito. Paul entrega o cartão de apresentação a outro companheiro e sai, dizendo que tem um compromisso (17'33" - 18'24").

Bateman, tira do bolso um objeto metálico, recipiente que abriga seu cartão de apresentação, e o coloca na mesa, mostrando-o aos sujeitos e pergun-

3. A ideia da burocratização do espírito foi desenvolvida pelo sociólogo canadense Erving Goffman, em seu livro *A representação do eu na vida cotidiana*. O autor é referenciado por Christopher Lasch em *A cultura do narcisismo*, no capítulo "O teatro da vida cotidiana".

tando o que eles acham. A câmera enquadra o cartão a partir de um *close up* extremo, e os sujeitos se concentram na avaliação. Eles elogiam, e Bateman explica o sentido das cores e itens, dizendo: “É marfim”, “e a fonte chama-se *Silian Rail*”. Outro sujeito afirma que o cartão é bem legal, mas que “não é nada”, colocando à mostra o seu, de maneira comparativa, e dizendo: “textura de ovo com fonte *Romalian*”. Bateman aponta dissimuladamente que gostou. Outro participante comenta que “isso é mesmo demais” e “como um idiota pode ter tanto bom gosto?”. Bateman é enquadrado por meio de um plano americano, desconfortável, sendo sua voz narrativa responsável por expor ao espectador seus pensamentos: “não acredito que Bryce prefere o cartão de Van Patten ao meu”.

Outro indivíduo também mostra seu cartão; “alto-relevo”, “cinza-claro com branco”. Bateman afirma novamente ser “impressionante, muito legal” e pede para ver o cartão de Paul Allen. O corte para outro *close up* extremo – que ocorre de maneira lenta até que o cartão tome evidência frente ao espectador – e a música de suspense que se inicia denunciam o perigo a que Bateman está sujeito, tendo em vista a “sutileza da cor branca, a espessura adequada” e a marca d’água. O personagem leva o cartão perto da vista e olha-o atentamente, assumindo expressões de desespero mascaradas por uma fachada de normalidade, até que deixa o cartão cair de suas mãos, sendo advertido por um dos sujeitos, que pergunta se ele está bem e diz que ele está suando (18’33” - 20’05”).

As dinâmicas descritas anteriormente relacionam-se com o que foi apontado por Kernberg no tópico 2, tendo em vista os conflitos resultantes de uma falta de diálogo entre as condições de grandiosidade impostas pelo *Self* grandioso patológico no conflito com as condições reais do mundo externo. Esse conflito é resultado da clivagem parental, responsável por impor condições de amor e validação a partir do preenchimento de condições idealizantes externas. Sendo assim, no momento em que o personagem é confrontado pelos cartões de apresentação, que são ameaças contra suas condições de grandiosidade, atravessado por seu senso de idealização, ele se sente humilhado, pois não está à altura de ser aquilo que ele mesmo condicionou para si, tendo em vista suas fantasias de onipotência.

Posteriormente, ao passo que o personagem é enquadrado em um spa e enquanto realiza seus cuidados, sua voz narrativa entra em cena, acompanhando-o, afirmando: “Tenho todas as características de um ser humano: carne, sangue, pele, cabelo, mas nenhuma gota de emoção identificável, exceto cobiça e descontentamento. Algo horrível está acontecendo dentro de mim, e não sei o porquê. Minha sede de sangue noturna invadiu os meus dias. Sinto-

-me letal, à beira da loucura. Acho que minha máscara de sanidade está prestes a cair” (22’28” - 23’15”).

Logo em seguida, em uma festa de Natal organizada por sua companheira, Bateman agenda um almoço com Paul Allen, que continua chamando-o de Marcus. O encontro ocorre, e, ao conversarem, Paul reclama do ambiente, afirmando que deveriam ter ido ao Dorsia, já que ele conseguiria uma reserva. Ao decorrer do tempo, Paul passa a sentir-se desconexo e com a fala embrulhada. Por fim, sob efeito do álcool que toma ao longo da noite, ele é levado para a casa de Bateman. Enquanto conversam sobre gosto musical, o personagem veste uma capa impermeável, pega um machado e acerta o colega algumas vezes, até matá-lo. O sangue jorra em seu rosto, e ele afirma: “Tente conseguir uma reserva no Dorsia⁴ agora, seu desgraçado!” (24’13” - 28’35”). Bateman se livra de seu corpo e finge que o personagem havia feito uma viagem. A partir de então, ele passa a ser investigado, sendo o principal suspeito do desaparecimento do companheiro (31’40” - 37’00”, 49’49” - 51’36” e 64’52 - 66’45”).

A cobiça, o descontentamento e a sede de sangue descritos pelo personagem relacionam-se com a desconfiança persecutória apontada anteriormente, sendo ela o resultado da frustração de a realidade não condizer com suas condições onipotentes, tendo em vista o estabelecimento das relações objetivas internalizadas primitivas, que fragmentam seu senso de si e induzem o surgimento das pulsões libidinais agressivas, que surgem como uma fuga do desprazer mediante à frustração e à dor e que se infiltram no *Self* grandioso, possibilitando projeções agressivas aos objetos externos. Essa agressividade torna-se evidente nas cenas descritas, tendo em vista a maneira brutal e cruel como o sujeito lida com o desconforto.

Novamente Bateman é enquadrado, enquanto caminha pela cidade à noite, após terminar com sua “suposta noiva” de maneira fria, tendo a justificativa de ela não ser importante para ele. Ele tenta sacar dinheiro em um caixa eletrônico, enquanto recebe instruções desconexas que o instruem a assassinar um gato. Ele pega um revólver e direciona ao animal, sendo surpreendido por uma senhora, que se assusta. Bateman atira no peito dela e passa a ser perseguido pela polícia. A grandiosidade da perseguição é evidente pela maneira como Bateman assume o protagonismo, trocando tiros que explodem os carros da

4. No contexto do filme, Dorsia é um restaurante luxuoso e extremamente restrito pela concorrência. Durante a cena ocorrida entre 14’33” e 18’24”, Bateman liga para o restaurante para fazer a reserva para o mesmo dia, porém, ao perguntar se havia disponibilidade, obtém como resposta risos contínuos, que ecoam sobre o telefone.

polícia, matando os oficiais e alguns civis, além de passar a ser perseguido por helicópteros. Desesperado, entra em um prédio e liga para seu advogado, confessando todos os seus crimes, chorando e suando. Seu rosto exhibe sua loucura, ele diz: “eu acho que sou um cara muito doente” (78’14” - 84’07”). No dia seguinte, após sua confissão e os eventos delirantes, Bateman retorna ao primeiro local do crime (85’23” - 87’45”). Para sua surpresa, não há registros de crime algum. Confuso e desnortado, segue ao encontro de seus companheiros e, lá, se depara com seu advogado. Ao abordá-lo, na tentativa de entender o que estava acontecendo com sua mente, é surpreendido pelo advogado, que demonstra ter compreendido o ocorrido como uma brincadeira, chamando-o de Davies. Ele diz que a piada foi boa, porém, a escolha do personagem, não, afirmando que Bateman é um idiota, tedioso e frouxo, sugerindo que ele teria melhores pessoas para escolher. O protagonista, confuso, afirma que ele é o Patrick Bateman e que tudo que disse é verdade, questionando o porquê de ele não o reconhecer, afirmando novamente que matou Paul Allen arrancando sua cabeça. O advogado diz que isso não é possível, pois jantou com Paul alguns dias antes, em Londres. A conversa é encerrada (91’00” - 93’22”).

A maneira como o personagem é perseguido, tendo em vista o protagonismo e a grandiosidade dos combates com a polícia e as mortes brutais que ocorrem ao longo do filme, exhibe a psicose delirante do protagonista, tendo em vista a percepção de que esses eventos foram criações do mesmo e nunca aconteceram na realidade, sendo essa percepção garantida a partir do diálogo com o advogado. A ideia de “não existir um verdadeiro eu”, diante da cristalização da alma do sujeito em uma ideia, é percebida ao passo que ocorre a confusão identitária, colocando em dúvida se o sujeito realmente é Patrick Bateman. Sendo assim, a fachada de normalidade que ele utiliza a partir da fluida identidade que desenvolve, esconde sua agressividade encoberta, onde só existe “cobiça e descontentamento”, representados pelos delírios de ser um assassino cruel, que não só extermina suas concorrências, mas também o faz por pleno prazer.

Por fim, Bateman se reúne com seus amigos, e eles assistem às notícias. O presidente está dando um discurso relacionado ao engrandecimento dos Estados Unidos e à importância da cooperação, tendo em vista os conflitos bélicos. Um dos sujeitos diz que ele se apresenta como um ser inofensivo, “mas que, por dentro...”. A voz extradiegética de Bateman irrompe na cena, dizendo: “Por dentro não importa”. Outro camarada pergunta o que ele acha, e ele diz que tanto faz. Enquanto observa seus colegas dando risadas, o monólogo continua, terminando com um *close up* a partir de um movimento de *zoom* que

enquadra seu rosto até se aproximar de seus olhos sem vida: “Não há mais barreiras a transpor. Tudo que tenho em comum com o incontrolável, insano, o perverso e o maligno, toda a carnificina que causei e minha total indiferença, eu agora ultrapassei. Minha dor é constante e aguda, e não quero um mundo melhor pra ninguém. Na verdade, eu quero infligir minha dor aos outros e não quero que ninguém escape. Mas, mesmo depois de admitir isso, não há catar-se. Meu castigo continua a fugir de mim, e não obtenho conhecimento mais profundo de mim mesmo. Nada pode ser extraído do que eu estou dizendo. Esta confissão nada significa” (94’15” - 96’45”).

As condições do personagem observadas nas dinâmicas iniciais e as inferências realizadas a partir dos estudos de Kernberg a respeito do narcisismo patológico nos permitem aproximar a patologia ao conceito de falso *Self*, de Winnicott, levando em conta a falta de integração entre as condições reais e ideais, o prejuízo de uma coesão psicossomática, a incapacidade de incorporar vivências subjetivas e a afirmação de não existir um verdadeiro eu sob a sua identidade, sua apresentação como algo ilusório e abstrato, sendo ambos os conceitos conectados a partir da estrutura do *Self* grandioso patológico.

De acordo com Winnicott, a união integrativa da experiência da realidade externa com o *Self* é o que garante a possibilidade do desenvolvimento do senso particular de ser do sujeito, valendo-se de sua criatividade e de sua capacidade simbólica, tendo em vista a nutrição de seu verdadeiro *Self* e o enriquecimento do mundo interno do sujeito. A etiologia do falso *Self* relaciona-se com a incapacidade do ambiente (mãe) de validar sua criatividade originária e espontaneidade, prejudicando sua integração subjetiva no mundo e desunindo a experiência do ambiente externo de seu senso de si. O termo “falso” do conceito origina-se no sentido de não derivar do próprio sujeito, mas da sua relação de acoplamento com a mãe, permitindo que não exista uma relação integrativa espontânea e criativa entre a realidade interna e externa, ocultando seu *Self* verdadeiro e sendo obrigado à submissão de uma forma de ser dissociada de sua condição real, deturpando o senso de existência particular do sujeito, sendo este impossibilitado de transitar entre a fantasia e a realidade (WINNICOTT, 1958/2021).

A partir da invasão social do *Self* e da paixão de viver para si, tendo em vista o suporte externo das características performáticas do indivíduo que ocultam sua criatividade e espontaneidade, o sujeito é incapaz de reconhecer-se e integrar suas experiências afetivas no campo interpessoal. Sem essa integração, não há uma coloração afetiva entre as relações *Self*-objetais, e o sujeito não obtém um conhecimento profundo dele mesmo, como apontado pelo personagem.

Sem objetos reparadores e sem um conhecimento profundo sobre si, o indivíduo é impossibilitado de realizar simbolizações de sua própria formação subjetiva, não havendo uma introspecção integrativa e sendo ele conduzido à compulsão à repetição. O prejuízo na capacidade de simbolização e na possibilidade de exercer a criatividade é perdido pela estrutura do *Self* grandioso patológico, que absorve condições de ser a partir de inferências externas ao sujeito, idealizantes e que desunem a experiência de mundo com seu senso de si verdadeiro. Sendo assim, não existe uma relação coerente entre a realidade externa e a interna, sendo a segunda ocultada em prol de uma organização voltada à atitude social grandiosa e levando a um senso de ser deturpado.

Tendo em vista que “somente sendo criativo que o indivíduo descobre seu eu (si mesmo)” (WINNICOTT, 1971/1975, p. 80), sem a possibilidade criativa na integração entre os aspectos idealizantes e reais, não há alívio imaginativo, não havendo, também, benefício no contato com a ilusão saudável. O sujeito, então, encontra-se em um beco sem saída, preso em sua pseudo-autoconsciência, sendo impossibilitado de extrair algo de sua própria confissão, que “nada significa”. Portanto, não há catarse, mas somente o desejo de infligir sua dor aos outros, valendo-se da incapacidade empática e da transferência dos impulsos sádicos aos objetos externos, como visto no tópico 2. Tendo em vista que “depende significa se expor aos perigos de ser explorado e frustrado”, o sujeito é levado a uma experiência com a realidade externa baseado na desconfiança e no ressentimento.

5. Conclusão

A partir das investigações sobre os desdobramentos patológicos do narcisismo, conclui-se que a estrutura do falso *Self* se constitui como etapa inserida no cerne da etiologia do narcisismo patológico, como descrita por Kernberg (1995), tendo em vista a formação do *Self* grandioso patológico, que promove um amálgama entre as estruturas do *Self* real, ideal e os objetos ideais.

O âmago da etiologia das patologias narcísicas é a formação da estrutura do *Self* grandioso patológico, que surge como defesa frente a uma realidade intolerável, uma vez que o indivíduo perde sua capacidade de exercer sua criatividade e espontaneidade, prejudicando seu senso particular de ser, sendo seu *Self* real ocultado. Sendo assim, podemos relacionar o conceito de *Self* real, de Kernberg (1995), com o de *Self* verdadeiro, de Winnicott (1979/1983), tendo em vista que é a partir da capacidade criativa que o sujeito integra os objetos

externos com as experiências subjetivas, enriquecendo sua realidade psíquica.

No narcisismo patológico, a defesa contra uma realidade intolerável garante ao sujeito o desenvolvimento de seu senso de existir a partir de idealizações impostas externamente, uma vez que a condição de ser amado é inferida ao narcisismo primário dos pais, sendo preciso que o indivíduo corresponda às exigências de admiração e grandiosidade, considerando que seu senso de ser é inferido a condições idealizantes e grandiosas, como defesa frente à exposição do perigo de ser frustrado. É a partir dessa defesa que podemos relacionar o conceito de falso *Self* à estrutura do *Self* grandioso patológico, tendo em vista que ambos são resultado de falhas no cuidado empático que surgem para proteger o *Self* verdadeiro (ou real).

Sendo assim, o falso *Self* vigora dentro da formação da estrutura do *Self* grandioso patológico, vetorizando a particularidade subjetiva sobre a aquisição de uma externalidade condicionante que oculta seu *Self* verdadeiro sob o aspecto de uma ideia nutrida de fantasias onipotentes e aniquilando sua capacidade imaginativa, não havendo relações integrativas com os objetos externos, sendo, o sujeito, incapaz de incorporar a experiência de mundo ao seu senso de si, vigorando a crença da realidade em forma de uma aparência e estimulando o sujeito a comportar-se a partir da parte de si que é exposta ao mundo, resultando em uma incapacidade introspectiva e levando ao sentimento de futilidade e vazio interior.

A partir do personagem analisado, observa-se a dinâmica do falso *Self* na estrutura do *Self* grandioso patológico, sendo, a cultura responsável por influenciar os comportamentos narcísicos patológicos e induzir a aquisição de condições externalizantes de ser baseadas em fantasias onipotentes. Sendo assim, não há integração entre as experiências reais e ideais do indivíduo, sendo ele incapaz de incorporar as vivências subjetivas, consequenciando em uma identidade que se apresenta como ilusória e abstrata. Sem a incorporação de suas vivências subjetivas, não há um conhecimento profundo sobre si mesmo.

Contrariando a noção comumente atribuída ao mito de Ovídio – relacionada à ideia de que seu cerne é a paixão de Narciso por sua imagem –, o que se vê após a análise do filme, à luz de Winnicott e Kernberg, é que, na verdade, Bateman não reconhece nem a ele mesmo. A noção de si é perdida sob a condição externa que o vetoriza, inferida na busca pelo “belo indiferente”, que, na realidade, se trata do próprio sujeito. Sem reconhecer a si mesmo, torna-se impossível integrar seus conflitos internos à sua estrutura de fachada exposta ao mundo, não havendo um diálogo das suas condições contraditórias, necessárias para a formação de um *Self* coeso. Dessa forma, não há uma possibilida-

de de melhora, pois seus afetos não são integrados de maneira simbólica. Nesse sentido, acompanha-se as ideias de Roussillon (2023) a respeito da problemática narcísica, que atribui, ao tema central do mito, a impossibilidade de lidar com o ambiente ao seu redor a partir do não reconhecimento de si mesmo. Dessa forma, o resultado para ambos os personagens é o definhamento.

Tramitação

Recebido 24/06/2024

Aprovado 17/02/2025

Referências

- CAMPBELL, W. K.; MILLER, J. D. *The handbook of narcissism and narcissistic personality disorder: theoretical approaches, empirical findings, and treatments*. New Jersey: Wiley, 2014.
- CARVALHO, A. M. *et al.* A camiseta: memória, religião e preconceito no curta-metragem de Hossein Martin Fazeli. In: MONTEIRO, *et al.* *Tecituras das cidades: história, memória e religião*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.
- DIAS, E. O. *A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott*. 4. ed. São Paulo: DWW Editorial, 2017.
- GALVÁN, G. B.; AMIRALIAN, M. L. T. M. Os conceitos de verdadeiro e falso self e suas implicações na prática clínica. *Aletheia*, n. 30, p. 50-58, 2009.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. São Paulo: Editora Vozes, 2014.
- KERNBERG, O. F. (1975). *Borderline conditions and Pathological Narcissism*. Lanham: Jason Aronson, Inc, 1995.
- _____. (1976). *Object relations theory and clinical psychoanalysis*. Northvale, NJ: Jason Aronson, 1984.
- _____. Narcissistic psychopathology, a general overview and frequent complications followed by overview of psychotherapeutic approaches to these conditions. Bergen, Norway. *YouTube*, 31 out. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SOqlLy3kwXA>>. Acesso em: 9 jun. 2024.
- _____. *Aggressivity, Narcissism, and Self destructiveness in the Psychotherapeutic relationship*. Connecticut: Yale university press, 2004.

_____. A psychoanalytic classification of character pathology. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 18(4), p. 800-822, 1970.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. São Paulo: Fósforo Editora, 2023.

LEJARRAGA, A. L. Clínica do trauma em Ferenczi e Winnicott. *Natureza humana*, v. 10, n. 2, p. 115-147, 2008.

MARRON, M. *American Psycho* (Psicopata americano). EUA: Lionsgate, 2000. 102 min.

PELISSON, M. C. C.; CAROPRESO, F. S. O narcisismo e as patologias narcísicas na perspectiva de Kernberg. *PLURAL - Revista de Psicologia*, UNESP Bauru, v. 1, 2023. DOI: 10.59099/prpub.2022.8. Disponível em: <<https://revistaplural.emnuvens.com.br/prp/article/view/8>>. Acesso em: 9 jun. 2024.

PELISSON, M. C. C. *O narcisismo na perspectiva de Otto Kernberg*. Dissertação (Doutorado em Psicologia). Programa de pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021.

SENNETT, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo. Editora Record, 2015.

ROUSSILLON, R. *O narcisismo e a análise do Eu*. São Paulo. Editora Blucher, 2023.

SAFRA, G. *A face estética do self: teoria e clínica*. São Paulo: Ideias & Letras, 2009.

WINNICOTT, D. W. (1979). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes médicas, 1983.

_____. (1958). *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu editora, 2021.

_____. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.